



RENOVAÇÃO

Renovação

REVISTA QUINZENAL DE ARTE, LITERATURA E ACTUALIDADES

PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MÊS

Director: *Santos Arranha* * Editor: *Alexandre de Assis* * Propriedade da Secção Editorial de «A BATALHA»
Officinas de composição e impressão: *Imprensa Beleza — R. da Rosa, 99 a 107*
Redacção e Administração: *Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Lisboa* — Telefone: *Trindade 5 3 9*

SUMARIO do numero anterior:

A TRADIÇÃO PAGÃ DOS SINOS (com gravuras) — UMA
HORA NA BOLSA (com gravura) por *Eduardo Frias* — A ELE-
GIA DA MULHER FEIA (com gravuras) — A INVASÃO CHI-
NÊSA DE ... PEROLAS FALSAS (com gravura) — PARA A LÍ-
BERDADE DO TRANSPORTE: Viajando através dos tempos
(com gravuras) por *David de Carvalho*. — JACINTO BENAVENTE:
A sua obra — A sua ultima produção (com gravuras), por *Nogueira
de Brito* — O PALACIO DA JUSTIÇA, soneto de *Bento Faria*. —
A RESSURREIÇÃO DA ARTE MUDA (com gravuras) — O
MUNDO CURIOSO — COMO O SINDICATO DOS FERRO-
VIARIOS DO SUL E SUESTE FESTEJOU O SEU XI.º ANI-
VERSARIO (reportagem gráfica) — ACTUALIDADES: Dr. Ar-
naldo Brazão; O processo Bajot-Daudet; Explosão de uma bomba
lacrimogenia; Campeonato de dactilografia; A sede própria da
Federação do Livro, de Paris; Paizagem, quadro de Juan Espina
Copo — CAPA: um porto de mar á noite.

Ano I — Numero 12

Lisboa, 15 de Dezembro de 1925

Renovação

A MAQUINA DE COSTURA

O primeiro centenário dessa admirável invenção, que se deve ao operário José Madesperger.

A máquina é um mal ou um bem? Prejudica ou beneficia o trabalhador manual?

Eis um problema, cuja discussão aqui há cinquenta anos apaixonava os teóricos do socialismo, dividindo-se as opiniões dos que eram pela máquina, fador do progresso e dos que eram contra a máquina, que matava o operário, gerando a falta de trabalho pela simplificação d'ele.

Hoje não subsistem dúvidas. Algumas dezenas de

anos de experiências desvaneceram muitas a apreensões. As crises de trabalho quando surgem não tem como determinante a máquina, outros factores as originam. Apesar de todos os aperfeiçoamentos na maquinaria e na utilidade das indústrias, reconheceu-se que o trabalho manual ao serviço da inteligência é insubstituível.

O operário considera indispensável a máquina e



José de Madesperger, austriaco, a quem se atribue o invento.

revolta-se até por industriais mais gananciosos e mais mesquinhos o privarem dela, obrigando-o a esforços escusados. A máquina tornou-se simpática. Entrou em quasi todos os lares, facilitando essas admiráveis indústrias domésticas, as únicas que podem tornar amado o trabalho, as únicas que não tendem a obliterar, antes exaltam, o sentido da personalidade.

Não poderia deixar de rodear a máquina este ambiente de simpatia. A espécie quere-lhe, como a mãe aos filhos. Gerou-as com dór, aperfeiçoou-as com sacrificios.

Não nos referimos já ás máquinas simples, que foram tambem as primitivas, e que constituem a mais alta manifestação de intelligência do nosso antepassado das cavernas: a lança, a faca, o machado, a enxada, etc. As máquinas em que são applicados os principios da mecânica, todas elas foram inventadas para reduzir o sofrimento, a dór de trabalhar. E se profundarmos bem, encontraremos como sendo o primeiro que as ideou e lhes deu grosseira realização um operário, em regra de pouca cultura, mas de intelligência aguçada pelas dificuldades e canseiras do trabalho manual.

Pela facilidade que determinados espiritos tem em divinizar tudo, em criar teogonias e pela predisposição de determinados em alargar o seu âmbito, evitando exclusivismos, verifica-se o fenómeno curioso de entrar a máquina na categoria das divindades.

Ainda há pouco na India, cremos que em Calcutá, um occidental foi surpreendido com a existência duma divindade nova na mitologia hindú: — a máquina de escrever. Um grupo de indianos, na sua maioria empregados



Primeiro modelo da máquina de Madesperger

de escritório, reünia-se num templo para prestar culto à máquina de escrever, que se via num altar, rodeada das mesmas pompas das outras divindades.

Máquinas há, que vieram simplificar tanto o trabalho que bem merecem não o absurdo culto religioso, mas uma amizade bem semelhante ao amor. Outras, prodígios de mecânica, dão-nos a ilusão de serem inteligentes e de terem a presidir aos seus movimentos uma vontade consciente — deus ou demónio. A máquina de compôr, por exemplo, é uma dessas maravilhas de mecânica.

A máquina de costura, a mais popular, a mais querida, aquela de que melhor se conhecem os singelos segredos, a que habita em quasi todos os lares e é muitas vezes a única riqueza do pobre, essa é objecto de um carinho especial. Considera-se como a uma pessoa de família e o seu ruído não desperta os bambinos que dormem no berço, nem o trabalhador que repousa depois de um dia de fadiga, enquanto a companheira, noite alta, trabalha. Para o povo, das cidades e das aldeias, a máquina de costura é simplesmente — a máquina. Não a possuir é uma vaga vergonha social, tê-la empenhada é um desgosto profundo, vendê-la é o último recurso da miséria.

A máquina de costura é muitas vezes um instrumento de suplicio. Quantas infelizes não se tuberculizam por causa dela, ou antes por trabalharem mais do que podem?! A culpa não é porém da máquina; é da injustiça social que campeia, é fruto do crime milenário de uns possuírem tudo e outros nada.

A máquina de costura tem a sua história e não vem fóra de propósito lembrá-la, agora que se comemorou o primeiro centenário da sua invenção.

A pequena cidade de Kufstein, na Austria, acaba de celebrar modestamente, quasi ignorado do resto do mundo, em três de Outubro último, o primeiro centenário da máquina de costura que, segundo os habitantes do pacato burgo, teria sido inventada em 1825 por um seu patricio, o operário alfaiate José Madesperger, filho de outro modesto alfaiate de Viena. Na casa onde nasceu, em 1768, o operário Madesperger, foi colocada uma lapide comemorativa, sendo erigido um monumento à sua memória num dos jardins de Kufstein.

A máquina de Madesperger, rudimentar, grosseira, foi sucessivamente modificada, aperfeiçoada por outros que se jactam, elles ou os naturais dos seus países de origem, de seus inventores.

A glória do invento, da prioridade da ideia e da primeira tentativa de realização dela, cabem a esse modesto trabalhador. Depois veio Elias Howe, filho dum camponês norte-americano, que apaixonado pela mecânica, em 1845, vinte anos depois do invento de Madesperger, construiu a sua máquina de costura, de que em 1854 lhe foi dada patente de invenção, coisa que não se lembrou de pedir Madesperger, que não possuia de certo o espirito pratico do seu rival americano.

Outra versão attribue o invento ao alemão Carlos Weisenthal, outro operário alfaiate, que teria ideado em 1755 uma maquina para coser. Outros, como Tomas Saint, o P.e Doge, Duncan, inglês e Phimonier, francês, que introduziram modificações na máquina, disputaram a glória do invento. Madesperger criando a máquina e Howe introduzindo-lhe a lançadeira, partilham, porém, essa glória.

Outros mecânicos desde Walter Hunt, ao bem conhecido mecânico de Boston Isacc Merrit Singer, se devem os aperfeiçoamentos, a elegância, a simplicidade, das atuais máquinas de costura.

A todos elles, a multidão que se utiliza hoje das máquinas de costura devem uma especial gratidão. Contribuíram, com intuitos gananciosos embora, para simplificar o trabalho, para vencer a dôr, para embelezar a vida.

As flores e os frutos

: : do Inverno : :

Cada estação tem o seu encanto, como se o próprio tempo desejasse renovar-se muitas vezes, durante um só ano.

Neste exemplo admiravel, muitos individuos que andam para aí, de alma velha e cristalizada, coberta com o pó de ideias mortas, de teorias indignas da nossa epoca, deviam encontrar a indicação segura do caminho a seguir...



O inverno, que de todas as estações é a mais desolada, tem, todavia, o seu sortilegio, como se a natureza se empenhasse em tornar suggestiva a sua propria desolação.

E' necessario que não se saiba compreender a dôr profunda mas bela duma arvore desfolhada, erguendo seus braços para a indiferença

do céu, para não se sentir o encanto do inverno. E se vivéssemos numa sociedade justa, se quando ha frio todos tivessem um pouco de calor, se não houvesse corpos tiritando nas esquinas da noite e mães que nem farrapos teem para agasalhar seus filhos, o inverno seria até uma estação encantadora, como hoje é, de facto, para esses burgueses que nos salpicam de lama com os seus automoveis, que teem assinatura nas *premieres* dos teatros, que usam esplendidas pelissas e que habitam em casas aquecidas por *chauffage* central...

Mas não. O inverno é inclemente para os pobres, para os humildes, para os que se deixam explorar e não exploram o seu semelhante.

Pequenas coisas ha, porém, características do inverno português, coisas para gente pobre, para todos aqueles que não podem aspirar, que não provaram ainda, que não conhecem sequer, as iguarias raras.

E assim, postado nos angulos das ruas, ha sempre um homem que enche a noite com este pregão:

— Castanhas! Quentes e boas!

Junto aos seus pés repousa algo embrulhado, fumegante por vezes, algo que parece, em certos momentos, esses embrulhos que outrora mãos desgraçadas iam deixar junto ás rodas ou à porta de velhos palacios, embrulhos donde se exalava, da solidão da noite, um horripilante vagido...

— Quentes e boas!

O pregão popular, condoído já de todos os ouvidos citadinos, desperta o desejo do rapasio, daquelas crianças que não teem para sua natural gu-

loseima os doces das pastelarias, como os filhos dos ricos.

Uma outra atracção para as crianças pobres são essas maçãs assadas que individuos, pobres e maltrapilhos tambem, andam vendendo dentro dum taboleiro com uma lanterna, taboleiro que visto de longe tem algo de funebre, algo de ataúde errante...

—Pst! Pst! O' tio!— grita aqui e ali uma criança, á porta duma casa humilde.

Isto porém, só se dá no principio do inverno, porque depois as maçãs encarecem e passam a ter lugar de destaque nas montras das casas que vendem fruta para gente rica... Mas a natureza é sempre prodiga e quando as maçãs passam a ser, pelo seu preço, privilégio de individuos abastados, ela dá aos pobres as laranjas, frias como o inverno, mas agradaveis e envoltas na recordação dum antigo ritual, pois seu sumo dessedentou muitos labios dos tempos biblicos, elegendo-as ainda hoje os judeus como a primeira de todas as frutas e lacrando-as com o polegar.

E vem tambem a romã, fruta invernal mas vermelha e perturbante como uma boca primavera, uma boca de mulher, uma boca de virgem.

E por fim, como oferta suprema da natureza do inverno, vem o crisantemo, flor de subtil tristeza na sua orfandade de perfume, mas bela, mui bela, como elemento decorativo, como elemento destinado a agradar á vista nos dias foscos da ultima estação do ano.

E assim, como o crisantemo, flôr exotica do Oriente, o inverno ocidental torna-se suggestivo e nós chegamos a olvidar as rosas, as rosas vermelhas da primavera, as rosas palidas, exanques, do outono — as rosas que são um simbolo eterno de Belesa.



ACTUALIDADES



Um dos dois novos carros electricos, com o respectivo pessoal, que a Companhia Carris de Ferro do Porto acaba de pôr em circulação naquela cidade.



O novo embaixador das republicas soviéticas em França é Rakowski. A fotografia que reproduzimos foi tirada à sua chegada a Paris acompanhado de sua esposa.



Em setembro último faleceu em Nova York onde vivia desde 1892 publicando ali o periódico *Cultura Obrera*, o ilustrado e estudioso operário impressor catalão Pedro Esteve. A' acção deste inteligente e culto lutador muito deve a propagação das ideias anarquistas em Espanha, em cujas associações operárias desempenhou espinhosos cargos, até que, perseguido pelas autoridades, teve de fugir para Nova York onde morreu. Jornalista e publicista doutrinador e de combate, deixa, entre vários escritos de valor, o livro *Reformismo, Dictadura e Federalismo* e um magnífico folheto, escrito em 1902, *Socialismo anarquista*, admirável de síntese e de lógica argumentação. Lendo estes dois trabalhos de Pedro Esteve, vê-se que o comunismo soviético não perturbou as suas convicções e quão sinceras e arreigadas eram as suas ideias profundamente libertárias.



O escritor francês G. de la Fouchardière, tido como o herdeiro do engenho e do espírito de Anatole France.

VIDAS AGITADAS

HOMENS E FACTOS

ELISEU RECLUS

Escreveu Teófilo Braga que o estudo dos grandes tipos da Humanidade exerce uma poderosa influência na elevação do carácter, por essa tendência automática que actua no maior número pela forma de *imitação*. Este conceito justifica e explica amplamente, sem necessidade de mais longo exórdio, o que nos determina a, sobre a rubrica *Homens e factos*, recordar a vida acidentada dos que fizeram alguma coisa no mundo pela liberdade e pela ciência.

Começamos pelo eminente sábio Eliseu Reclus a



Eliseu Reclus aos 19 anos

quem E. Frugoni classificou como o prototipo de uma última evolução da raça, em que se reuniam as virtudes e as forças que movem a humanidade para os mais altos cumes e as mais gloriosas conquistas.

Quando os cegos e ignorantes denegridores das ideias de emancipação humana qualificam os seus propagandistas de loucos ou sanguinários, devemos perguntar-lhes se sabem que nessa vanguarda da liberdade figuram homens como Eliseu Reclus, cuja vida foi uma luta constante e energética, luta luminosa pela causa da ciência e da justiça.

Eliseu Reclus nasceu a 15 de março de 1830 em Sainte-Fay-la-Grande, na Gironda (França), filho de um pastor protestante, e morreu em 4 de julho de 1905 numa aldeia belga, não longe de Ostende.

Desde muito novo revelou as suas duas grandes predileções: o amor à ciência e o amor à liberdade. E quando terminou os seus estudos na Faculdade protestante de Montauban e na de Berlim, fermentavam já no seu coração generoso os sublimes princípios dos quais se fez mais tarde um propagandista entusiasta. Assim é que, de regresso à França, evidenciou aí bem alto o seu amor à revolução, tomando parte activa nas insurreições que tiveram lugar em Paris, desde 1848 a 1851.

Vibrado o golpe de estado de 2 de dezembro, o seu nome foi apontado ao despotismo napoleónico como pe-

rigoso, motivo porque se viu obrigado a emigrar, visitando então a Inglaterra, os Estados Unidos da America do Sul e a Nova Granada, onde fixou residência por alguns anos.

Observador em extremo, aliando ao seu prodigioso talento uma memória extraordinária, foi pacientemente colhendo todas as suas impressões de viagens, até que publicou em 1861 um livro intitulado *Viagem à Serra Nevada*, o qual foi mais tarde traduzido e novamente publicado com o título: *Minhas explorações na America*.

Durante o tempo da sua emigração trabalhou sem descanso e, ao regressar de novo a França, em 1857, levava já consigo valiosos dados geográficos, que foram a base da reputação universal que mais tarde veio a adquirir.

Redactor da revista dos *Dois Mundos* e da *Volta ao Mundo*, publicou Reclus numerosíssimos artigos que despertaram o maior interesse nos sábios de todos os países.

Ao mesmo tempo dispensava a sua colaboração às conhecidas *Guias Joannes*, para os diversos países do globo, tornando as páginas desses volumes altamente deliciosas e interessantes, pelo relevo do seu estilo e verdade das descrições.

Todos os seus trabalhos impregnados da ciência geográfica, se tornaram conhecidos e vulgarizados, motivo por que a Sociedade de Geografia de Paris o atraiu para o seu seio, não como simples sócio, mas como membro da sua comissão central.

Reclus, que na sua mocidade se batera com ardor pela república, depois de estudar o viver social dos diferentes povos americanos, não hesitou em demonstrar a evolução natural do seu espírito, abraçando os ideais mais avançados da Anarquia, únicos que, em sua opinião, podem dar à humanidade a verdadeira felicidade.

Por tal facto aliou-se em 1869 ao seu íntimo amigo Bakoumine. lutando, desde então, a seu lado com entusiasmo e convicção pela causa da emancipação proletária.

Veiu a guerra de 1870-71, o cerco de Paris, a Comuna. Reclus inscreveu-se na companhia dos aeronautas, dirigida por seu amigo íntimo, o fotógrafo Nadar, e ajudou-o nessa organização, maravilhosa para o tempo, por meio da qual Paris sitiado foi posta em relações regulares com os departamentos.

Mas os sucessos precipitavam-se. A energia revolucionária socialista, acumulada em França e sobretudo em Paris, durante os últimos anos do império, não podia dissipar-se em pura perda, sem tentar mostrar-se à luz do sol, sem plantar ao menos uma balisa para o futuro, — e a revolução de 18 de março estalou em Paris.

Aqui, Eliseu, que sempre odiou o galão e sempre se sentiu povo, deu o verdadeiro exemplo. Quando os chefes blanquistas e jacobinos aceitavam logares no governo da cidade revoltada, e os próprios internacionalistas federalistas aceitavam a sua eleição ao conselho da Comuna, Eliseu tomou a carabina e ficou nas filas dos federados.

Desde o princípio, projectava a Comuna uma sortida sobre Versalhes, a qual veio a realizar-se na primeira metade de abril. Eliseu, de arma em punho, tomou parte nela. Foi feito prisioneiro no planalto de Châtillon — e bebeu toda a taça dos sofrimentos físicos e dos insultos de que a burguesia triunfante cobriu os seus prisioneiros.

Quando entrávamos em Versalhes, a multidão dos burgueses, com suas damas galantes dependuradas do braço, recebia-nos com todos os insultos imagináveis, no momento em que, de mãos atadas, desfilávamos na sua frente. Um homem — pareceu-me reconhecer nele um membro da Sociedade de Geografia — gritando: «Oh! que patife!» descarregou-me um murro formidável na nuca.

A sua senhora batia-me com a sombrinha... Depois de todas as fadigas da noite precedente, caí desmaiado... Depois vieram todos os horrores passados na planície de Satory... as sentinelas atirando à queima-roupa sobre quem se levantasse, fatigado de jazer na lama, e pelotões levados todos os dias para serem fuzilados... Depois veio Brest. Só se respirou um momento, na prisão de Mont Saint-Michel.

Mas o mundo intelectual levantou-se num clamoroso grito de indignação e Darwin, Williamson, Lord Amberley e as mais notáveis celebridades da ciência protestaram contra o governo de Versalhes, proclamando que um génio semelhante pertencia ao mundo inteiro e à ciência. Thiers, impressionado pela solenidade do plebiscito de admiração que se elevou em volta do grande geógrafo, comutou a pena de deportação pelo desterro durante o prazo de 10 anos.

Numa carruagem celular e algemado, dirigiu-se então para a Suíça onde tomou parte activa no trabalho organizador da célebre Internacional. Por esse tempo colaborou em muitos periódicos revolucionários e desde então exerceu uma influência intelectual poderosa na corrente abertamente libertária do socialismo.

Em 1878, com Grave, Kropotkine e outros, fundou em Genebra o periódico socialista-anarquista «La Revolte» (transportado mais tarde para Paris com o nome de «Le Revolté» e depois com o de «Les Temps Nouveaux») e em cujas colunas defendeu e propagou as ideias anarquistas.

Eliseu Reclus, em 1893, pretendeu abrir um curso de geografia na Universidade Livre de Bruxelas mas o seu desejo foi recusado pelo ódio aos ideais que professava. Esta estúpida negativa despertou um forte movimento intelectual que permitiu a Reclus fundar uma universidade verdadeiramente livre — como as ha de vêr um dia a Europa regenerada pela revolução social — e foi aí, na Université Nouvelle de Bruxelas, que começou a dar as suas lições científicas de cosmografia.

Muito, e muito importante para ciência deixou escrito Eliseu Reclus. Mas entre todas as suas obras sobre-



[Eliseu Reclus aos 50 anos

sai como a mais colossal a «Geografia Universal» que lhe valeu ser proclamado no mundo científico o «príncipe dos geógrafos». Introdução desta obra foi a *Terra* e a sua conclusão o *Homem e a Terra* que terminou poucas semanas antes da sua morte. O amor da natureza e do *homem livre* ressalta de cada página dessa obra em que é traçada a história e a evolução da humanidade, cuja conclusão para Reclus é a Anarquia, ponto para o qual a civilização humana marcha necessariamente.

Além destas obras mencionadas devemos á sua pena *O arroio, A montanha, Uma viagem à Serra Nevada, Sicília, Fenômenos Terrestres*, e uma infinidade de opúsculos de sociologia, propaganda libertária, memórias científicas, em resumo: uma produção genial e vigorosa, testemunha de uma nobre vida decorrida no trabalho e no sacrifício pelo culto da ciência e do ideal.

«O seu influxo na ciência geográfica marcou uma nova época — disse O. de Buen. A Geografia deixou de ser uma ciência morta, árida, descritiva, monográfica, sem transcendência social nem espirito filosófico para tornar-se, graças a Reclus principalmente, em ciência viva, evolutiva, cheia de encantos, penetrada no espirito da filosofia naturalista e servidora fiel das grandes reivindicações sociais. Aproveitando as incessantes conquistas das Ciências Naturais, alargou o seu campo; infiltrada pelas correntes modernas, converteu-se em Ciência Social; porque, sem dúvida alguma, o caracter mais saliente do movimento intelectual contemporâneo é a «socialização da Ciência», e desta salutar corrente foi Reclus um dos impulsores mais poderosos.»

Era Eliseu Reclus de baixa estatura mas de uma grandeza de alma que assombra. Excessivamente indulgente e bondoso, «junto dele fazia-se — escreveu Descaves — uma cura de altitude moral». Alguns episódios da sua vida definem maravilhosamente o seu caracter:

Eliseu Reclus poude ser milionário e desprezou o dinheiro. As suas campanhas a favor de Lincoln, na *Revista dos Dois Mundos*, determinaram o ministro «yankee», em Paris, a oferecer-lhe um milhão de «dollars». Reclus, modestamente, mas com firmeza, negou-se a recebê-lo, dizendo: — Eu trabalho pela justiça; não faço mais que o meu dever.

— Conduzido prisioneiro a Versalhes — conta Lissagray — um miserável dessa multidão ignóbil que insultava os vencidos, encarniçou-se mais particularmente contra êle e feriu-o. Nesse momento, um dos colaboradores da *Revista dos Dois Mundos* reconheceu-o e correu a prevenir Thiers. Pouco depois Barthélemy Saint-Hilaire foi enviado junto de Eliseu Reclus a fazer-lhe compreender que, para ser livre, lhe bastava exprimir um arrependimento, declarar que cedera a uma excitação. Reclus recusou. Insistiram com êle; suplicaram. Respondeu que obedecera á sua consciencia, que procederia ainda da mesma forma, e que entendia dever partilhar a sorte dos seus camaradas. — Pouco depois partia com êles para Brest.

— Havia uns seis meses que estavam em Quêleru, — conta Colleau — quando o jesuita Jules Simon, então ministro do sinistro Thiers, julgou conveniente visitar alguns grupos de prisioneiros da Comuna.

Depois de haver passado pelas casamatas, o ministro recebeu no gabinete do director os que tinham reclamações a apresentar-lhe; e terminando a recepção sem vêr Eliseu Reclus, pediu ao director que o mandasse chamar.

O guarda foi á enfermaria onde se encontrava o nosso amigo, dar-lhe parte do desejo do ministro, obtendo esta resposta: — Eu não tenho nada a dizer ao ministro; se êle quere falar-me, que me procure.

— Eliseu — conta ainda Nadar — tinha estabelecido residência em Sèvres. Um dia veio ver-me — com o seu bom humor habitual, e falando-lhe eu no roubo da sua biblioteca, que um jornal acabava de noticiar, disse-me: — Que importam os meus livros? Já tinha lido tudo quanto podiam dizer-me, agora vão servir a outros. E como, sem duvida, eu não lhe parecesse sufficientemente á altura, acrescentou, reforçando a nota: — Demais, visto que eu não os dava, fizeram bem em tirar-m'os... E sorrindo sempre, esfregou vivamente as mãos, — o seu sinal corrente de alegria...

Eliseu Reclus, eminente sabio, príncipe dos geógrafos, declarava-se abertamente anarquista. Tendo percorrido o mundo e observado pessoalmente a situação universal de todas as classes sociaes, teve occasião de conhecer bem as

origens de todos os males que afetam a humanidade e, portanto, indicou-lhe bem claro o caminho que ela tem a seguir para conquistar a sua liberdade e a sua emancipação.

De propaganda propriamente anarquista, além de inúmeros artigos em varias publicações periodicas, escreveu: *A Evolução, a Revolução e o Ideal anarquista, A anarquia* (conferencia pronunciada em 1894 na loja maçônica «Amigos filantropos» de Bruxelas), *Ao camponês, meu irmão* e *A Anarquia e a Igreja*. Reclus não era apenas intelectualmente anarquista. Era anarquista até ao profundo da inteligencia, até a menor fibra do seu ser. Bastar-lhe-ia — no dizer de um dos seus muitos biógrafos — o pão sêco para atravessar uma crise revolucionária e para trabalhar em edificar um futuro cheio de riquezas para todos. Ele soube manter-se pobre, absolutamente pobre, apesar do bom exito dos belos livros. A ideia de dominar fosse quem fosse, jamais lhe atravessou o cerebro: odiava os menores vestigios do espirito dominador. Emfim, para ele, que tão bem conheceu todas as tribus disseminadas pelo globo que nos indicam as etapas atravessadas pela humanidade, e que podia com um só olhar reconstruir no pensamento o longo martirologio do homem, a anarquia não era um simples sonho amoroso. Era a conclusão, o fêcho de abóboda da humanidade, da sciencia: o ponto de mira tão necessariamente indicado como a estrela para a qual hoje se dirige o nosso sistema solar. E como a natureza, a bela natureza que ele amava como a amaram Goethe e Shelley, era para ela uma necessidade fisica, nunca se deixava desviar do seu caminho por nenhuma



Eliseu Reclus aos 70 anos

das superstições inspiradas pelo medo dum além imaginário. E Kropotkine disse dele o seguinte:

«O espirito anarquista era com efeito o fundo da natureza de Eliseu Reclus. Nunca elle procurou dominar, governar qualquer pessoa. E por isso não se deixava dominar, nem sofria imposições. Sempre, em toda a parte se considerava igual a outro qualquer. Impressionou-me muito este facto no dia em que pela primeira vez entrei no seu gabinete de trabalho, convidado por elle para o ajudar na redacção do volume sobre a Asia Russa. «Que é necessario fazer? perguntei-lhe. — Tem aí livros, tem aí provas — faça o que quiser!» A principio o meu espanto era grande. Mas dois ou tres dias depois, reconhecia que era aquele o verdadeiro meio de organizar a colaboração, a fim de ser mais proveitosa e mais expedita. Este sentimento de igualdade, Eliseu não o abandonava nunca. Chegando a uma localidade, na Europa ou no fundo da America do Sul, elle ia, antes de mais nada, procurar o grupo anarquista, ou o jornal anarquista ou o unico anarquista do sitio, e perguntava em que podia ser util naquele momento».

Com efeito, quando em abril de 1886 Eliseu Reclus esteve em Lisboa, de passagem para a Africa, em viagem de estudos geograficos, avistou-se logo com J. A. Cardoso, um dos anarquistas da epoca, e preferia, ás noites, a conversa com os seus camaradas, entre os quais se encontrava Antonio José de Avila, reunidos no acanhado quarto de J. Cardoso, num 4.º andar da rua dos Correiros ou dos Sapateiros, á convivencia com os intelectuais burguezes, seus adoladores, que o quizeram homenagear com um banquete a que ele se esquivou.

Quem foi Pico de Mirandola

Quando em literatura se quiere tratar de um homem de vasta erudição ou que conheça muitos idiomas, compara-se com Pico de Mirandola, filosofo italiano que floresceu por meados do seculo XV e era filho do senhor de Mirandola e de Concordia, quasi de estirpe regia.

Desde muito criança que demonstrou grandes tendencias para o estudo, sendo aos dezoito anos considerado «a fenix dos engenhos». Visitou as Universidades como filosofo e teologo ainda imberbe. Aprendeu rapidamente as linguas classicas, o hebreu, o arabe, o caldeo, familiarizando-se com os varios sistemas de filosofia. No seu regresso á Italia, em Roma, para dar uma demonstração palpavel da sua assombrosa erudição, propôs-se sustentar publicamente 900 proposições de logica, metafisica, fisica, moral, teologia, mathematicas, sem excluir as doutrinas da cabala e da magia natural, para o que convidou todos os sabios da Europa para a controversia, oferecendo pagar as despesas de viagem aos que viessem de longe. Não conseguiram o seu proposito, porque o Pontifice, considerando heterodoxas as opiniões expostas por Mirandola, proibiu a leitura do livro que continha as suas teses.

Foi um prodigio de memoria, de eloquencia e de dialectica, não podendo contudo ser considerado um escritor nem um pensador.

O uso das meias

O uso das meias é relativamente moderno. Os galos antigos cingiam as pernas com cintas e correias que tambem foram usadas pelas damas romanas; e na Idade-Média, o que hoje constitue a meia, formava um todo com o calção que se adaptava de fazenda cortada em sentido longitudinal á perna e a que se applicavam umas peças a propósito, para o pé.

Na segunda metade do seculo XVI começaram a usar-se as meias propriamente ditas, isto é, separadas do calção e fabricavam-se em tecidos de linho, de lã e de seda. Mais tarde applicou-se-lhes o ponto de agulha que já se vinha usando na elaboração de luvas e barretes.

A invenção deste processo attribue-se ao inglês Guilherme Rider e as primeiras meias de que há noticia foram as que usou Henrique II, para assistir, em 1569, ao casamento do duque de Saboya, Manuel Felisberto com sua irmã Margarida.

De começo eram feitas à mão, até que, em 1609, outro inglês, Guilherme Lea, inventou a máquina de fazer meia. De Inglaterra passou para a França e generalizou-se a sua fabricação mecânica. Os burguezes usavam-na de estopa e as de algodão começaram a usar-se em 1650.

Um caso que se dá com muitas coisas. De começo só os ricos usavam meias, andando sem ellas os que as faziam.

O DEPORTADO



O céu do cativo tem essa côr pesada do chumbo — do chumbo que encarcera a liberdade, como encarcera cadáveres dentro dos esquivos...

Côres densas, apenas côres densas e lugubres, como se o céu fosse diminuindo a sua amplitude, diminuindo até sufocar o exilado...

A natureza dir-se-ha estarecida e cada arvore é uma sentinela muda, que espia a dôr do proscrito e que sofre também.

A terra tem abismos insondáveis e regougantes, empenhados em dificultar o caminho da liberdade...

O mar esbate-se contra altas muralhas e empenha-se em manter os grilhões do exilado...

E aqui e ali, silente, está sempre volvido para ele o olho duma carabina, esse lobrego olho que vomita a morte...

E ao lusco-fusco bailam sobre a linha da terra, prestes a emergir-se na treva — bailam como um cortejo, como um velho friso animado, as recordações do proscrito...

A velha mãe e seus olhos surpreendidos na hora última da despedida, a chorarem, a chorarem...

Os anos da infância com seus folguedos pueris e com a longa flotilha das ilusões que a vida faz naufragar...

Logo a primeira injustiça social, brotada ao

lado do primeiro anseio de emancipação...

Noites de fome, de terror; noites em que o perseguiram, transformando em selva a terra da civilização e considerando-o como uma fera...

E ao longo do ingreme caminho, debruado de perigos, de ciladas, de armadilhas, o rosto duma mulher — uma promessa de amor que a vida agitada não deixou cumprir...

E a todas as horas, em todas as alvoradas e em todos os poentes, as maiores crueldades dos dominadores, dos expoliadores do homem, dos empresarios da vida...

E um dia, então, a revolta cachoeirou mais forte em sua garganta, enevoou-lhe os olhos e seu braço quiz vingar as muitas atrocidades que vira cometer e as muitas vítimas que vira cair ao seu lado...

Passam muitas outras recordações, confusas, a caminho da noite nascente. E quem sabe se entre elas não vai, já olvidado, algum anseio nobre que se entibiou?

Mas não, não! Lá longe, na distancia infinita de onde o proscieveram, é que reina a crueldade e a tirania, cujas sombras se projectam no cativo longinquo.

E dessa noite tenebrosa, tenebrosa apesar dos seus milhões de arcos voltaicos, de globos electricos, exalam-se gritos de pavor, gritos de angustia, uivos de miseria, gemidos de sacrificios. E de quando em quando ouvem-se os passos daqueles que andam fazendo montaria á Liberdade...

E, então, o deportado sorri tristemente... Ele sabe que o veem desde longe, que o viram sempre, com um punhal na mão, um punhal a go-tejar sangue...

Ele sabe isso e sorri mais tristemente, pensando em seu coração, que um dia amou a fraternidade dos homens — e que a ama ainda...

Ferreira de Castro

JEAN KUBELIK

Kubelik é hoje considerado um dos maiores violinistas de todos os tempos. O seu nome, a sua arte são colocados sem hesitações ao lado dos de Paganini, Joachime, Sarasate, Kreutzer, Viotti e Sivori.

Nesta admirável e grande constelação dos virtuosos do violino, Jean Kubelik ocupa uma situação de proeminência tal, que não é difícil supor que na história da música universal ele ficará como do mais alto que a ciência musical tem produzido.

A aura magnífica, o renome celebre que hoje tem, depressa o conquistou nos centros musicais onde se sabe o que tem verdadeiro valor. Não há grande cidade da Europa e da America que não se tenha erguido em apoteose perante esse genio do violino que assombra positivamente os países por onde a sua glória vai sendo enaltecida.

Mago do som, mirífico feiticeiro da puresa melódica, o seu *stradivarius* encanta-se, ilumina-se de febre ao sentir-se tocado dos dedos peregrinos do grande violinista que é ao mesmo tempo um autorizado compositor. Em Kubelik não sabemos que mais admirar: se a tecnica perfeita, inegualavel, estupenda de movimento, se a expressão sublime do sentimento, através da sensibilidade dos autores que interpreta.

Ouvi já tocar o enorme violinista há uns bons vinte anos, no antigo Teatro de D. Amelia. Os ouvintes estremeceram de espanto perante o prodigio, muitos olhos se humedeceram e os corações apertaram-se de emoção ao sentir-se penetrados por essa estranha criação de febre que o violinista transmitia a quem o escutava embevecido em extase. Kubelik é principalmente um modelador do som, as notas da musica vibradas no seu violino abrem-se em florações de febre desconhecida, e ora se contorcem em torturações de dor, ora se espreguiçam em dolencias de paixão, ora se debatem em clarões de alegria eterna. Kubelik é acusado de sentir os compositores muito a seu modo. Tem servido o personalismo das suas interpretações para objectivar a probidade do executante, fazendo-a avultar num sentido depreciativo sob o aspecto da fidelidade de execução.

Pretendeu certa critica, mormente francesa, impugnar ao notavel *virtuose* a responsabilidade de afeiçoar á sua singular acrobacia, o sentido musical de muita composição, deturpando o rigor do original, sómente com o fito de tirar efeitos, de mover sensibilidades melindrosas. Há, quanto a mim, que distinguir entre o sentimento pessoal do executante e a exatidão da partitura, conforme a orientação que o musico quis dar-lhe. No dia em que o virtuoso fór o servil interprete do musico que executa, preocupando-se tão sómente com a disposição material das notas, deixará de ser o artista excelso, para ser só o reprodutor obediente do que lê.

Alheiar o seu sentimento pessoal, a sua vibração estetica do trabalho puramente material de achar a nota e não penetrar o sentimento real da musica, é não com-

preender o que dentro dela existe de eterno na beleza do Ritmo, no dominio infindo da cadencia. Dar ao publico o que o compositor sente, pode ser muito, mas pode não ser tudo! O interprete em qualquer ramo da arte é o traço de união entre o criador e o publico. Só é grande o artista que compreende um e outro.

Aproxima o sentimento, a sensibilidade de ambos é que constitue o genio que dá forma e beleza ao que lhe é transmitido completando-a, quando a torna acessivel aos que a apreciam. Para poder transmitir beleza é preciso sentir o belo e sentir sobretudo a forma de o tornar sentido pelos outros.

Estulto é, sem duvida, afirmar que este ou aquele musico compreendeu o sentimento do autor que executa. Porque, uma coisa é a expressão achada pelo artista criador, conforme o estado da sua alma, e outra é a exteriorização do seu sentimento coado através de sensibilidades diversas, cuja maneira de transmitir está sujeita a naturas, a momentos, a pequenas delicadezas às vezes tão opostas de exprimir.

E, num virtuose, só se pode notar, em geral, a sua interpretação circunscrevendo-a a certos autores. Bom interprete de Chopin e de Bach, melhor interprete de Schumann e de Liszt.

E é assim porque o que escreveu Chopin, Bach, Schumann e Liszt, foi rigorosamente interpretado? De forma alguma. O que o interprete fez foi dar ao ouvinte o sentimento mais proprio, mais certo do autor, que não conseguiria executando materialmente a musica.

Kubelik tem, exatamente, sobre quasi todos os *virtuosos* do violino, a superioridade de sentir muito particularmente todos os autores, não havendo restrições de sentimento, nem lapsos de tecnica a respeito de qualquer deles.

É um tratadista do sentimento sem pretender saber do grau de expressão de cada autor. São sempre as mesmas mãos ageis, os mesmos dedos feiticeiros que comunicam aos ouvintes a fibra da composição. É sempre o mesmo coração, a mesma alma sensível, extranha de coação.

Quem não ouviu ainda o genial artista, julgará exageradas todas as palavras que a respeito da sua arte se empreguem.

Eu acho que elas pouco dizem ainda da arte suprema do violinista que só o publico endinheirado conseguiu ouvir há dias no São Luis. Kubelik é a encarnação altíssima do virtuosismo do violino erguido às mais elevadas culminações da Beleza do Som.



Jean Kubelik

Vogueira de Brito

A PROSTITUIÇÃO RELIGIOSA

NO QUE CONSISTE A PROSTITUIÇÃO. — AS RELIGIÕES E A LICENCIOSIDADE. — A PROSTITUIÇÃO SAGRADA NA INDIA. — O CULTO DO LINGA. — A CORRUPÇÃO NA ASSIRIA E OS SACERDOTES DE BAL-PEOR. — OS MISTERIOS ERÓTICO-RELIGIOSOS. — O FÁLO GREGO E O DEUS PRIAPO DOS ROMANOS. — AS RELIGIÕES MONOTEISTAS E O EROTISMO. — O ASCETISMO CRISTÃO PRIMITIVO E AS HERESIAS. — A DEMONIOLATRIA. — AS INFLUÊNCIAS QUE A IGREJA RECEBEU DOS VELHOS CULTOS. — AS MISSAS-NEGRAS — A CORRUPÇÃO DO CLERO E DAS ORDENS RELIGIOSAS. — A FLAGELAÇÃO, FALSA PENITENCIA. — A PROSTITUIÇÃO NOS CONVENTOS. — A SIMBÓLICA CATÓLICA E O CULTO FÁLICO.

Para falar da prostituição religiosa, importa precisar primeiro o que entendemos por prostituição, que não é o comércio natural dos sexos, contrário ou não às leis religiosas ou civis, mas sim todas as práticas sexuais cometidas fora do acasalamento, entre indivíduos de sexo diferente não consanguíneos. Tudo quanto não fôr o acasalamento com maior ou menor periodicidade, quer haja ou não compra e venda, quer seja entre pessoas de sexo diferente ou do mesmo, — é sempre prostituição, muito embora reconheçamos que todas as aberrações sexuais são meras doenças, para as quais cumpre antes de tudo fixar uma terapêutica.

Baseados nos fundamentos da ética natural ou biológica, só podemos considerar digno o acasalamento que necessariamente visa à reprodução da espécie. A esse acasalamento porém não há que fixar período e muito menos exigir que seja definitivo. A periodicidade necessária é ditada pelas condições do meio, sobretudo pelas leis económicas. Entre nós, a protecção aos filhos até à adolescência que só aos pais cumpre dar, obriga a períodos longos, de acasalamento, pelo menos iguais ao número de anos que o ser humano leva até sair da infância. Assim, ordinariamente, cada indivíduo não poderá ter, em média, mais de três acasalamentos sucessivos com diversos indivíduos do outro sexo, se todos forem fecundos, admitindo que de cada um só houve um ou dois filhos, nascidos com pouco intervalo. Como em regra a coabitação dos casais se prolonga por essa mesma necessidade de proteger os filhos até ao limite da sua infância, sucede que novos filhos se engendram e daí o acasalamento primeiro ser quasi sempre único. Não é isso, porém, indispensável e é absurdo condenarem-se, fora do acasalamento único, as relações entre os sexos; o essencial é que elas se pratiquem no regime dos acasalamentos, embora de curta periodicidade, entre indivíduos de sexos opostos e que não estejam ligados imediatamente por laços de sangue, que não sejam parentes, por consanguinidade, no primeiro grau: pais, filhos, irmãos.

Definido assim o que entendemos por prostituição, à face da moral biológica, vamos ver as relações que esse vício ou doença teve e tem com as diversas religiões e como a elas anda indestrutivelmente ligado, confundindo-se bastas vezes religião e prostituição.

Seo descermos ao totemismo, todo é relacionado com o sexo ou com a alimentação, nem ao feiticismo, tam impregnado de intenção sexual, que todos os manipulans são dotados de órgãos reprodutores de tamanho exagerado e todos os actos do culto grosseiras orgias carnaes, vejamos a mais antiga teogonia conhecida, a hindú, e a importância que nela tem a prostituição.

No trimurti, ou triidade bramânica, Siva representa o principio destruidor e renovador e o seu simbolo é o linga, ou seja o órgão sexual do homem. O apêndice viril, considerado por todos os povos da antiguidade e ainda hoje como o simbolo da fecundação universal, é objecto dum entusiastico culto na India. Os próprios «io-guis» usam pequenos lingas ao pescoço como amuletos.

Todas as cerimónias religiosas na India têm um acentuado cunho de erotismo. Em Benarés, porém, a «cidade-santa», onde vão em peregrinação os habitantes da India que professam o bramismo e tem meios de se deslocar, todos os dias se cumpre o grande ritual do culto fálico. Feitas as abluções no Ganges, o «rio-sagrado», numa promiscuidade e numa nudez propicias ao erotismo, realizam-se os actos liturgicos em homenagem a Siva, cuja imagem é transportada pelos bramans professionalmente. Os lingas de pedra e madeira que se encontram no interior e no exterior dos templos e nas encruzilhadas das ruas, tal como os nossos «frades» de pedra, são cobertos de flores pelas mulheres, que os regam com manteiga derretida. Outras imagens fálicas de prata e ouro, que os sacerdotes transportam, são tambem cobertas de flores e beijadas pelas mulheres, com frenesi, prosternando-se ante elas os homens. A frente dos cortejos seguem bailadeiras seminuas, que ao som dos tam-tans se agitam em contorsões eróticas. Escusado será dizer que depois destes excitantes, os «crentes» se entregam a uma prostituição desencana, que as autoridades inglesas a muito custo procuram ultimamente reprimir.

Por força dessa repressão, a parte mais licenciosa dessas cerimónias realiza-se hoje secretamente, não tendo perdido nada, porém, do seu caracter de delirio libidinoso, sendo notável como código dela o célebre tratado de Kama-Sutra. O budismo hindú, ao passar para a China, ganhou em ferocidade erótica, pois a prostituição é praticada pelos «crentes» com requintes sanguinários inultrapassáveis.

Entre os primitivos caldeus, embora pouco dêles se saiba, a prostituição não era condenada. E' na Assiria, porém que a prostituição religiosa tomou foros de instituição nacional. Um dos seus deuses, Bal-Peor, era o principio da fecundação, o mesmo que o linga hindú, o fálo grego ou o priapo romano, ou seja o órgão da virilidade. Do culto deste deus ficou a mais remota tradição da pederastia. Os seus sacerdotes eram jovens deplados, ungidos de oleos perfumados, que vendiam o seu corpo aos prazeres dos devotos, ofertando o preço do negócio ao deus. No culto de Astartea succedia o mesmo com as sacerdotizas.

Foram os fenícios os mais remotos praticantes dos mistérios erótico-religiosos. Esses mistérios realizavam-se no recesso das florestas e nas grutas das montanhas. Aí os iniciados, homens e mulheres, ou só homens, prestavam culto ao simbolo fálico e entregavam-se ás práticas sexuais as mais aberrantes. Esses mistérios chamados Cabiros transitaram depois para outros povos embora com diversos nomes, assim como o culto de Mitra, cujas sacerdotizas se prostituíam, mantendo com os réditos desse comércio o culto da deusa.

No Egipto os pequenos mistérios, ou de Iris, e os grandes, ou de Osiris, que se realizavam respectivamente na Primavera e no Outono, eram pretexto para a mais desenfreada prostituição. Nas festas destas deidades, os sacerdotes e as sacerdotizas conduziam em triunfo os sym-bolos sexuais, a chave, emblema masculino e a joéira, fe-

minino, quando não era uma urna de ouro contendo o próprio fálo que uma sacerdotiza transportava junto do seio, ou o olho simbólico, com ou sem sobranceira, atributo de Osiris, que um sacerdote conduzia.

Entre os egípcios, que no apogeu da sua civilização padeciam do cosmopolitismo religioso que depois atacou Roma, os mistérios de Cabiros, Cotito, Mitra, Baco, etc., eram realizados por milhares de «crentes» especialmente estrangeiros, que concorriam às grandes cidades, para comerciar e gozar. Esses mistérios a que eram admitidos só os iniciados, quer dizer toda a gente menos o povo — os escravos — eram orgias de tal ordem, que a nossa imaginação dificilmente as concebe. O delírio erótico apossava-se das multidões, que nos festins e após eles, se entregavam à mais repugnante prostituição.

Na Grécia, como no resto do mundo, a tradição do culto fálico é remotíssima, mais aí refinou, ganhando, nas suas relações com a arte, certa elegância. Nas festas dionisiacas de Baco, um grande fálo transportado por raparigas seguia coberto de flores a estátua de Dionísos, caracterizada pelo triplo fálo, e rodeado de falos gigantes.

Nas festas de Adonis, Astartêa, Cibele, Cotito, a liturgia era mais ou menos a mesma, sendo de notar que nas de Astartêa, todas as mulheres eram obrigadas a copular com os estrangeiros que as quizessem, pelo menos durante um dia, revertendo o produto dessa prostituição para o culto; nas festas de Adonis sucedia o mesmo, prostituindo-se porém os efebos. Além do homo-sexualismo, a pederastia e o tribadismo, a bestialidade, a prostituição com animais, era frequente nestes mistérios: as sacerdotizas se entregavam por exemplo ao bode sagrado, que depois era vítima nos sacrificios.

Da Grécia o culto fálico passou à península itálica, localizando-se primeiro na Etrúria e apoderando-se depois da República. Aí o fálo denominou-se Priapo e foi considerado deus e não atributo da divindade como nas outras religiões.

As mulheres romanas votavam a Priapo, antes do casamento, a sua virgindade, para serem fecundas, a princípio fazendo-se desflorar por falos de dimensões apropriadas, depois pelos sacerdotes do deus e por último limitando-se a contactar com o fálo monstruoso que ostentava a imagem de Priapo. Esta evolução não traduzia porém aperfeiçoamento dos costumes. Se os romanos primitivos eram ciosos das suas mulheres, decerto pela pouca abundância delas, depois da República a prostituição religiosa e civil desenvolveu-se extraordinariamente. As mesmas vestais, a princípio rigorosamente punidas quando infringiam os votos de castidade, constituíram depois verdadeiras confrarias de prostitutas.

Com o alargamento e dissolução do império romano, todos os cultos dos povos conquistados foram introduzidos em Roma. Assim, vieram do Oriente todos os misté-

rios e todos os deuses que em Roma tiveram seus templos e fieis, os quais, perdido quasi todo o sentido simbólico primitivo, se iniciavam só para gozar os prazeres da prostituição em comum, dessa prostituição sagrada, mística, erótica, que emprestava à banalidade do acto sexual estranhas volupias.

As bacanais, as saturnais, as lupercis, em suma, todas as festas de todos os deuses, eram pretexto para os crentes se entregarem a uma prostituição colossal.

As religiões monoteístas, como a hebraica e o maometana, pela simplicidade da sua liturgia e pretensa elevação da sua doutrina, não deram à prostituição um carácter sagrado. Não a condenaram porém, favorecendo-a até. O sétimo céu de Mafoia é o supra-sumo do delírio libidinoso. E tanto a prostituição está enraizada nos povos que seguem esses credos, que se lhe chama o vício semita. As mulheres dessa raça possuem extraordinária propensão para se prostituírem.

Como não tratamos, porém, da prostituição em si, mas sim nas suas relações com os diversos cultos, passamos a apreciar as influências reciprocas entre ela e o cristianismo.

O cristianismo primitivo, religião de escravos, não oferece elementos apreciáveis para o nosso estudo. O povo foi sempre de todas as classes sociais a menos corrupta. Só ao abandonar a escravidão da terra e do senhor, quando se fazia mercador ou soldado, entravam com elle os vícios grandes da espécie.

Quando o cristianismo começa a ser religião do estado, bajulando a princípio os imperadores e dominando-os

a seguir, é que se nota o caracter que a sua doutrinação imprime nos costumes.

Na Meia-Idade, brutal e tumultuária, a religião cristã preconizava um ascetismo absurdo e contraproducente. Daí o originarem-se reacções formidáveis, as heresias, que na verdade são manifestações multiplices dum mesmo fenómeno — a revolta contra as sanções impostas aos contactos carnaes e contra o monopólio da doutrina e o esoterismo dela, mantidos pelo Bispo de Roma e pelos que o seguiam.

Durante muitos séculos, porém, os cultos fálicos se mantiveram entre as populações só superficialmente cristianizadas, refugiando-se nas florestas e nos campos afastados dos grandes centros, pelo que lhes chamaram pagãos. A Igreja, todavia, transigindo aqui e ali, adoptou muitos dos velhos symbolos, transformou em festas suas algumas celebrações pagãs, fazendo dos deuses do passado santos do seu calendário.

A extraordinária importância que os cristãos da Meia-Idade attribuíram ao Tentador, ao Anjo Caído, reforçou a demoniolatria, que, servida por uma magia mais ou menos



A missa negra

grosseira, transformou o mundo dessa desorientada época num enorme manicómio.

As heresias, dos gnosticos e dos maniqueus, não são mais do que as primeiras manifestações da reacção que atraz apontamos. Todas as que se lhes seguiram, as dos carpoctras, dos cainistas, dos adamitas, dos paulicianos, dos luciferinos, dos cataros, dos bulgaros, dos stadingos, dos albigenos, dos patarinos, dos fraticeles, dos vaudenses, dos picardos, dos anabatistas, dos roncarianos, dos legardos, dos lolardos e dezenas de outras, tinham os objectivos comuns — conhecer e interpretar os textos sagrados, ter relações sexuais à vontade.

As últimas vagas desta reacção encontramo-las nos protestantes, que se quanto à teologia eram radicais, quanto à ética limitaram-se a suprimir o celibato eclesiástico.

Todas estas heresias, transformações das dos gnosticos e dos maniqueus, punham a questão sexual em primeiro plano. As suas reuniões secretas davam lugar a orgias extraordinárias. Umas, como a dos bulgaros ou burges, defendiam a homossexualidade, outras a promiscuidade e o incesto, como a dos adamitas, e todas reivindicavam maior liberdade para a prostituição, todas se louvavam no satanismo.

A demoniolatria e a feitiçaria que nos seus sabados ressurgiam os mistérios fálicos e as scenas de prostituição em massa, constituíram um culto com tantos adeptos como os das outras seitas. Como ainda hoje muitos católicos praticantes creem na feitiçaria, os cristãos desses tempos recuados, movidos por uma ancestralidade impossível de dominar, entregavam-se a ela cegamente. E foi até da luta entre o paganismo, a idolatria e o puro cristianismo primitivo que nasceu a adoração das imagens escultóricas e iconográficas dos deuses e dos santos na Igreja do Ocidente e dos Icones sagrados na do Oriente.

As interpenetrações das diversas seitas, que só uma história parcial vê em camadas distintas sobrepostas, são matéria de há muito estudada e apurada. Neste momento interessa-nos só salientar que a prostituição com caracter religioso se manteve sempre através dos séculos, por muito que pese aos crentes sinceros e das diversas religiões.

As cerimónias da liturgia satanizante e fálica não teriam evidentemente significado senão para os crentes do cristianismo. Em regra os officiantes desse rito eram sacerdotes, e, depois do sabado, a missa-negra era o mais importante acto do misterioso culto.

O ritual das missas-negras variava consoante as heresias e evolucionava com a liturgia ortodoxa. Visavam essas missas na aparência a prestar culto a Santanaz e eram realizadas por determinada intenção, como as outras missas. O seu objectivo principal era porém libidinoso.

Não se julgue que as práticas licenciosas foram só privilégio dos heresiarcas e satanizantes, e que os crentes que a Igreja não excluiu do seu grémio foram sempre castos, quanto humanamente é possível sê-lo.

Por espírito de transigência, de adaptação, de conveniência política, a Igreja consentiu em grandes licenciosidades. Os eclesiásticos assinalaram-se sempre por uma corrupção desmarcada. As Cruzadas, as ordens religiosas e militares foram campo duma prostituição assombrosa. A célebre ordem dos Templários, por exemplo, ávida, soberba, licenciosa, era um coio de pederastas.

Pelos penitenciais da Meia-Idade, códigos penais que a Igreja formulava, se vê a que degradações desciam os clérigos e que penitências lhes eram impostas.

As ordens monásticas foram antros das maiores devassidões. Vem a pelo falar duma seita medieval, que nunca chegou a ser considerada inteiramente herética — a dos flagelantes. Estes sectarios quando se reuniam nas suas cerimónias flagelavam-se com cordas nodosas nos troncos nus, especialmente na região renal, e nas precis-

sões que realizavam, aparentando fazer penitência, marchavam quasi nus zurzindo-se com disciplinas até expirar o sangue. Sabido como tais práticas têm um violento caracter de excitante genésico, calcula-se o que se passava entre os fieis dos dois sexos, após essas cerimónias.

As práticas dos flagelantes refugiaram-se depois nos conventos, onde o uso de disciplinas e cilícios não tinha outro objectivo que não fosse predispor para a prostituição. Os casuistas não occultam que a flagelação tem por resultado a sobreexcitação dos sentidos; pretendem porém, que ao paciente é mais meritório domar as exigências da carne em furia... do que vencer o simples desejo genésico.

As devassidões a que se entregavam os membros das ordens religiosas são suficientemente notórias para que insistamos na sua demonstração. Refugiada na clausura religiosa, a prostituição sagrada breve se transformou em prostituição civil, sendo as freiras barregãs de reis, fidalgos e padres e ainda de estrangeiros e cavaleiros de aventura, como esse Chamilly, o «bem-amado» da Freira de Beja. Não reeditaremos as histórias de frades, devassos incorrigíveis, que correm escritas e documentadas, senão o presente estudo não caberia nas páginas desta revista. Assinalemos só que os outeiros de poetas nos séculos XVII e XVIII representavam tam sómente um pretexto para as freiras se entregarem à prostituição.

Não é também ignorada em nossos dias a influência que o clero regular e secular tem na depravação dos costumes e o prestígio de que goza ainda o padre entre as ninfomaniacas e histéricas.

E' tal a influência da prostituição sagrada na Igreja Católica, como aliás em todas as religiões, que o simbolismo litúrgico e arquitectónico dos seus templos conserva inúmeras reminiscências do culto fálico e das práticas sexuais. As velhas catedrais estão cheias de imagens e de grupos escultóricos com um sentido obsceno, como a moderna simbolica o reconheceu e a mesma cruz não é mais do que o simbolo do fálo.

A abolição da escravatura

O primeiro movimento abolicionista iniciou-se em França no século XVIII, julho de 1793, com a publicação da suspensão do trato de negros. Mas a abolição da escravatura só foi votada no ano seguinte, 4 de fevereiro de 1794, pela Convenção Nacional, sob proposta de Levassem, deputado por La Sarthe.

Esta primeira fase da abolição durou até que Bonaparte, primeiro consul então, restabeleceu o trato e a escravidão, que continuaram funcionando, se bem que em menores proporções.

Mais tarde, o governo de Luiz Filipe intentou tomar algumas medidas a favor dos escravos.

Fez uma investigação nas colónias, encontrando por parte dos colonos numerosos protestos contra qualquer emancipação e contra todas as medidas que restringissem os seus direitos sobre os escravos.

O assunto deu um passo sério em 1843. Uma comissão extra-parlamentar de que o duque de Broglie foi o presidente, concluiu pela emancipação. Os colonos seriam indenizados e os libertos ficariam obrigados a trabalhar durante cinco anos.

A abolição definitiva da escravidão nas colónias francesas, cabe á segunda Republica. A acta especificando que «nenhuma terra francesa podia ter escravos» foi redigida por Victor Schoelcher, apostolo da abolição em França. Foi assinada em 1848 pelos membros do governo provisional e levava os nomes de Dupont de l'Eure, Arago, Lamartine, Luiz Blanc, Ad' Crémieux, Leon-Rollin, Carnier, Pagés, Marie, Murrast, Flocon e Albert.

A Republica não se contentou em dar sem reserva, sem restrição, a liberdade aos antigos escravos; concedeu-lhes ao mesmo tempo a qualidade de cidadãos.

ACTUALIDADES



Os delegados ao Congresso Nacional dos Serviços de Saúde, realizado recentemente na Associação Comercial de Lisboa, em que foram tratados assuntos de interesse público e de grande valor social.



Corpo scénico da União dos Empregados de Comércio do Porto, que fez a sua apresentação em festa de auxílio para a Construção do Sanatório dos Empregados de Comércio de Portugal, em 26 de outubro, p. p. no Teatro Gil Vicente, no Palácio de Cristal.

Os animais ferozes e sua expressão social

OS «RENDEZ-VOUS» DOMINGUEIROS NO JARDIM ZOOLOGICO — A FUNDA MELANCOLIA NO PARQUE DAS LARANJEIRAS — DE COMO UMA LEÔA SE TORNA TRAVESSURA PATRIÓTICA — EDUARDO FRIAS NA MANSÃO DOS TIGRES — OS LEÕES, OS TIGRES, OS LOBOS E OS CAMELOS: O SEU PAPEL NA SOCIEDADE PORTUGUÊSA.

Aos domingos, se o dia está bonito, centenas de famílias lisboetas deslocam-se placidamente para o Jardim Zoológico. A contemplação



O domador profissional alemão Scheider passeando nas ruas de Paris com uma leôa, um dos 40 animais da mesma espécie com que anda percorrendo o mundo

de animais pacíficos ou ferozes, a observação atenta de todos os seus gestos, são para os visitantes motivos de forte prazer espiritual. E é o espírito que bafeja de subtilesas as analogias que as famílias sabem encontrar com fulminante oportunidade, entre as suas próprias pessoas, as pessoas amigas e as pessoas conhecidas.

Exigem as regras de boa educação, formadas de bons exemplos, que o papá explique eruditamente, diante de uns letreiros que se assemelham a certidões de idade, qual a origem é o carácter do bicho prisioneiro. Mas a erudição do chefe é insuficiente para vencer a curiosidade da prole.

Ficam os meninos sem saber se são os macacos que os imitam ou se são por eles imitados; as meninas ignoram se devem fingir-se gazelas ante as suplicas amaneiradas dos galãs de capelistas; as mães demoram-se nas hipóteses de uma semelhança dos tigres ou do burro da Abissínia com o seu queridinho marido, sempre fiel e constante...

Assim se torna, pela graça forte e audaciosa do lisboeta, o admirável Parque das Laranjeiras num famoso laboratório de psicologias. Se passa um cavalheiro adiposo e pezado, olhar mortiço, palpebras inchadas, corpo sem formas, pernas sem curvas, todo ele hesitante, logo o hipopótamo, o elefante, servem de tema às conversações familiares. Passa um mancebo esbelto, modelo vivo e artificial do último figurino, e é certo que as risadas convencionais de manas casadoiras ou virgens esperançosas deixam revelar-se a impressão que lhes causa nos nervos delicados, o gato bravo, a girafa, ou os galos da Índia. A malícia de todos os visitantes da fauna aprisionada e sonolenta facilmente confunde as azas dos corvos com as capas dos académicos, as *toilettes* de várias senhoras do bom-tom com as penas do pavão, as notas musicais de um sexteto com os sons guturais e ásperos dos macacos.

No fim de contas, nada de ofensivo se pode deparar no Jardim Zoológico: nem na frequência, nem na fauna. O lisboeta nada mais deseja do que contemplar uma fêra e beber um chá no *dancing*, cujo dono ou gerente foi já, com muito espírito, acusado de sanguessuga. Há uma certa intimidade, toda exteriorizada em descrições silenciosas e olhares tranquilos, entre famílias cruzando as âleas arborizadas que convidam à meditação as almas sentimentais e sonhadoras. Até os animais sabem naturalmente compreender esta intimidade sem expansões: a nostalgia como que afogou o instinto sanguinário das fêras, a timidez dos animais selvagens e a ansia dos grandes vôos nas aves que já habitaram montanhas.

E até os bambinos teem doce e fácil alegria numa volta ao parque, conduzidos numa quasi liliputiana *charrette*, puxada por dois pôtros jovens, nervosos, ligeiros, com uma bondade que dir-se-ia humana. E também as almas enamoradas se podem refugiar nos recantos silenciosos e de sombra acolhedora, comunicando-se segredos, em *flirts* singelos, sem que o olhar dos animais e das pessoas possam perturbá-los. De igual modo, nestes recantos que ficam além da zona habitada e frequentada—a «baixa» do jardim,— os melancólicos e os misantropos podem desafogar a sua exaltação íntima, sem o constrangimento que lhes provocaria um sarcasmo cruel.

O sol-posto, toda a animação daquele mundo selvagem, feroz e humano, daquele mundo só formado de inconfundíveis aparências, começa declinando até extinguir com a última claridade do dia. Os tratadores açulam as fêras para o outro lado da jaula, para onde passarão através de uma baixa e estreita porta que logo se fecha hermeticamente. Na contemplação deste episódio final, o visitante fica deveras impressionado ante a dôr e a angústia que se manifestam na resistencia das fêras, sempre revoltadas contra as grades impassíveis e sempre nostálgicas da floresta que outrora as acarinhava e protegia. Melhor conformados no cumprimento de uma sentença que indefinidamente os condenou à clausura, mais realistas na satisfação das necessidades materiais da existencia, sem deixarem de ser nostálgicos e rebeldes, os outros animais, os que não temem a envergadura do leão, o orgulho do tigre, a furia do lobo, vão aceitando e digerindo indiferentemente as rações ensanguentadas e pastosas que se lhes atira por entre as grades maciças.

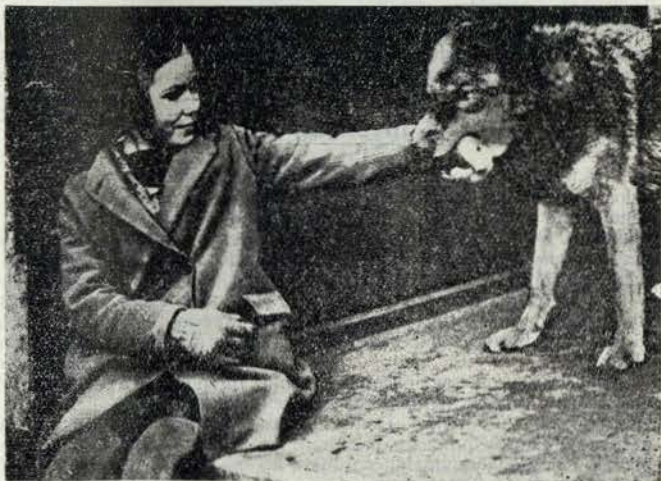
Dizem-nos agora que o Jardim Zoológico se vai transformar, fazer-se moderno, apagar de vez o seu aspecto de selva tão improprio do clima meridional e do gosto europeu. Não deixa de regosijar esta perspectiva já oferecida de se civilizar uma fera ou educar-se um macaco, em meio da alegria ruidosa que é expressão doentia do nosso seculo.

Afinal, tornar os animais das selvas e das florestas à semelhança do espirito humano, ou mais rigorosamente, torná-los humanos no convívio dos habitantes das cidades, não é utopia alucinada. O sr. Schneider, alemão, passeia nas ruas de Paris, todas as manhãs, na companhia de uma leãoa que não se excita, que não traz açamo nem vem enclausurada em qualquer jaula de rodar. O sr. Schneider afirma que os leões poderão ser facilmente domados, tornar-se inofensivos no convívio dos cidadãos. Sabendo-se que os franceses, a acreditar nas paragonas que tantas vezes lemos, se bateram como leões contra os alemães, a afirmação do sr. Schneider deve parecer, aos alegres parisienses, um remoque agressivo de um patriota germanico. Longe da rivalidade destes leões, nós não deixamos de registar a opinião do sr. Schneider e de garantir documentalmente a sua autenticidade.

Demais, a ferocidade destes animais parece ser mais lendaria do que real. Pode mesmo colocar-se, sem afronta para as especies interessadas, a ferocidade do tigre ou do leão a par da energia do homem. Duas forças iguais, longe de se atraírem, repelem-se e só por isso é que

a fera não receia o homem, nem o homem teme a fera. O nosso amigo Eduardo Frias pode explicar este axioma melhor do que nós: conseguiu já ingressar na jaula dos tigres que o sr. Franchi, domador de origem ignorada, apresenta no Coliseu dos Recreios. E da jaula saiu Eduardo Frias sem uma unica beliscadura, sem que os tigres se movessem da sua amavel e quasi humana attitude, apesar da ansiedade do sr. Franchi, que traz embutida nas costas, em baixos relevos, toda uma habilidade de domador nunca vista...

Francamente, o que parece ter anulado a ferocidade dos animais são a política e os negocios. Para devorarem riquezas, já banqueiros internacionais, *escrocs* de grande envergadura, empresarios de grandes jornais, se atiram como leões á circulação fiduciaria, agravando-a com estranhas duplicações ou com uma monumental falsificação. Para se saciarem de ambições, os politicos semelham tigres na compita dos melhores logares e dos maiores premios de corrupção. Para desafozarem os seus instintos sanguinarios, os lobos da policia ferem e matam pessoas desprezadas e pacificas. E só o cidadão, que paga impostos, que suporta os politicos, que teme a policia, escolheu para si a triste personalidade do urso apesar de a Revolução Francesa ter proclamado os seus direitos



Um lobo de 10 anos convertido em manso cordeiro

— unica cousa que ele ainda hoje invoca orgulhosamente, com a mesma satisfação que Primo de Rivera deve sentir, se algum dia conquistar Marrocos. Enfim, o que se acha consumado é a transfiguração dos animais ferozes e selvagens em seres perfeitamente humanos e civilizados... Que imperiosa, essa lei natural que transforma as especies — e que no nosso tempo parece já um decreto promulgado por um governo democratico!...

David de Carvalho.

O MUNDO CURIOSO

Desde quando existe o escafandro

A arte de mergulhar deve ser tão antiga como o homem. Entre os povos da antiguidade, os mergulhadores de ofício abundavam, trabalhando alguns minutos de baixo de água, aguentando, como se costuma dizer, a respiração.

O sino mergulhador foi o primeiro aparelho constituído para submergir-se, fundando-se o seu funcionamento no princípio físico da impenetrabilidade dos corpos.

O primeiro pois que apareceu foi empregado, em 1605, para extrair alguns objectos de valor de um dos navios da Armada Invencível, que fôra a pique nas costas da ilha de Unil.

Depois o celebre astrónomo Halley construiu um sino mais perfeito, mas que, como os que o antecederam, só podia permanecer de baixo de água durante o tempo que levava a esvasiar-se o ar nele encerrado.

Posteriormente esse aparelho foi melhorado por Spalding que logrou introduzir-lhe ar puro, por meio de toneis que desciam de um barco, pendurados numa corda e a cujo orifício os mergulhadores adaptavam um tubo que conduzia o ar para dentro do sino.

Mais tarde, o inglês Smeaton conseguiu renovar o ar por meio de uma bomba pneumática e desde então foi empregado com êxito o sino, até á adoção geral do *escafandro*, que poucas modificações apresenta do primeiro que appareceu no seculo passado.

E' para lamentar que o mergulhador que desce ao fundo do mar em busca de tesouros perdidos, ou que graças ao seu esforço se poem em fluctuação centenas de navios, que é quem na Australia extrae as perolas do mar, — com as manobras a que tem de proceder nos seus trabalhos, venha a sofrer duma especie de trepidação no organismo que o gasta, tornando-lhe a vida curta.

A invenção dos fósforos

Os fósforos enxofrados são conhecidos há muitos séculos, Marcial, nas suas obras, fala dos amoladores que os vendiam no *Fórum* e pelas ruas onde viviam as classes opulentas. Os fósforos, enxofrados em ambas as extremidades, eram de grandes dimensões e usados especialmente nas noites em que se effectuavam as Saturnais.

No Paris da Edade Média, os vendedores de fósforos passavam pelas ruas dando um grito especial, e os fósforos cõr de rosa muito enxofrados eram os mais estimados.

Em 1835 é que se applicou o clorato de potassa á massa fósforica para ser applicado ás acendalhas inflamáveis por meio de fricção. Deu-se então a aparição dos primeiros fósforos químicos que foram fabricados na Alemanha. Um individuo qualquer trouxe alguns pacotes de Berlim que fez analisar por um pharmaceutico. O segredo da sua composição passou de Paris a Londres e dois químicos rivalizaram em astúcias para angariar fortuna, mas os fósforos ingleses não tiveram tanto êxito como os francezes.

A fabricação entrou rapidamente no dominio público, porque nenhum privilégio protegia o inventor anónimo e em 1863 foi lançado um imposto sobre os fósforos.

Tendo os fósforos brancos ordinários ocasionado accidentes mortais, foram substituídos, por indicação dos professores da Escola de Alfort, pelo fósforo vermelho, chamado amorfo, que não apresentava nenhum perigo de envenenamento ou incêndio.

Esses fósforos foram denominados *higiénicos e de segurança* e a química passou pelos *palitos andróginos* e antifósforicos, antes de chegar ás composições actuais, que não estão por certo ao abrigo de toda a critica nem se disse ainda sobre ellas a última palavra.

A arte de contar

As origens da historia da arithmetica perdem-se na bruma dos tempos. Aristoteles parece que foi a primeira pessoa que fez a observação de que todos os povos adoptavam o mesmo processo de numeração: a escala decimal, o método de contar por dez. No emtanto, uma tribu de Tracia contava por quatro. Os chinezes na antiguidade tinham praticado a numeração binaria, isto é, de dois em dois.

Aristoteles diz que o sistema decimal proveio do costume de contar pelos dedos: é a numeração digital. A arithmetica chinesa binaria poderia igualmente provir do facto de termos duas mãos.

A comodidade de expressar com o sistema decimal todos os numeros possiveis com dez caracteres unicamente, não foi introduzida na Europa antes do seculo X. Deve-se ao monge Gerbert que foi papa sob o nome de Silvestre II. Recolhera-o das escolas arabes de Granada e Cordova. Os arabes por sua vez o tinham aprendido com os indios, mas foi ignorado pelos egipcios, pelos gregos e pelos romanos.

Os egipcios tinham quatro sinais que representavam a unidade, a dezena, a centena e o milhar. Os hebreus figuravam os numeros com as letras do seu alfabeto, como o deviam fazer os gregos.

Parece que os pitagóricos conheceram os sinais numericos dos indios, mas este precioso conhecimento foi reservado a alguns iniciados e não saiu da sua escola. E' conhecida a importancia dessa escola que attribuia aos numeros misteriosas virtudes. O tempo unicamente respeitou a taboa de multiplicar.

Os *Elementos* de Euclides (300 anos antes de Cristo) consagravam quatro livros á arithmetica.

A invenção dos logaritmos, que operou uma verdadeira revolução no trabalho do calculo, é do principio do século XVI.

Monte de Piedade

Tal era a denominação por que foram conhecidas em Itália as casas de emprestimos. A palavra *mon* designava, no antigo idioma italiano, colectas de esmolos feitas nas igrejas.

Mas apesar de esta etimologia, não temos que procurar a origem dos Montes de Piedade na Itália. Já existiam casas de emprestimos em Fresingen, Baviera, em 1198; em Salins, Franco Condado, em 1350, e em Inglaterra, em 1361.

Por iniciativa de um monge, Bernardo Terni, os primeiros Montes de Piedade foram destinados a emprestar unicamente aos pobres sem interesse algum. Em Perusa, em 1440 e em Orvieto, em 1464, criaram-se estabelecimentos da especialidade com o auxilio de esmolos e subscrições publicas. A instituição propagou-se rapidamente em Bolonha, Parma, Milão, Tréves, Padua, Roma, Florença, etc.

Dentro de pouco tempo, os emprestimos deixaram de ser gratuitos, exigindo-se um certo interesse dos mutuários. Um decreto de Leão X, datado de 1515, confirma a decisão do conselho de Lãtrão de 1512, autorizando a percepção de um interesse minimo, destinado a cobrir as despesas de administração.

Instituições de identica natureza se estabeleceram em Avinhão, em 1577; nos Paizes-Baixos, em 1618; em Aix, em 1635; em Paris, em 1640; em Montpelier, em 1683 e em Marselha, em 1696.

A partir desta época, a admissão de quantos quizeram emprestar dinheiro, sem distincão de classes e com um juro mais ou menos elevado, entrou em regra geral, chegando ao estado em que hoje se encontra.

RENOVAÇÃO

REVISTA GRAFICA

DE

NOVOS HORIZONTES SOCIAIS

Arte, Literatura e Actualidades

Aparece em 1 e 15 de cada mês

Número solto, 1\$50

Condições de assinatura:

Portugal, colónias e Espanha

3 meses	9\$00
6	18\$00
Ano	36\$00

Estrangeiro

6 meses	25\$00
Ano	50\$00

AGENCIAS

Paris — *Livraria Internacional* — Rue Petit, 14 (19^e)

New Bedford, Mass (U S A.) — *Livraria Contemporânea*
— 56. Nelson St.

Argentina — *José Francisco de Jesus* — Cassilla, 19 — Comodoro Rivadavia Chubut.

Funchal — *Bureau de La Presse.*

ANÚNCIOS

No interior e última página da capa, ilustrados e a cores, preços convencionais com a

ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Combro, 38 - A - LISBOA